

CONSUBSTANCIALIDADE DAS RELAÇÕES SOCIAIS E MOVIMENTOS SOCIAIS SEXUADOS

CONSUBSTANTIALITY OF SOCIAL RELATIONS AND GENDERED SOCIAL MOVEMENTS

ENTREVISTA COM DANIELÈ KERGOAT
INTERVIEW WITH DANIELÈ KERGOAT

Entrevistadora

Fabiana Sanches Grecco¹

O debate sobre as relações entre classe e gênero tem a socióloga francesa, Danièle Kergoat, como uma de suas principais representantes. Como participante do feminismo materialista, Kergoat tem simultânea importância no campo da produção teórica e na atuação política, evidenciando a *práxis* do feminismo materialista.

¹ Cientista Social e Psicanalista. Realizou doutorado em Ciência Política (Unicamp/Campinas-SP) e mestrado, bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais (Unesp/Campus Marília-SP). Realiza formação contínua em Psicanálise, com especialização em Fundamentos da Psicanálise (Associação Livre de Campinas-SP e Faculdade Vicentina). Realizou estágio doutoral no grupo Gênero, Trabalho e Mobilidade (GTM) do Centro de Pesquisas Sociológicas e Políticas de Paris (Cresppa/CNRS, Paris-FR). Participou de um acordo de cooperação científica internacional entre o Brasil e a França (Capes-Cofecub: Unicamp e Cresppa/CNRS) e da Rede Brasileira de Mulheres Cientistas. É autora dos livros: Reprodução Social: um estudo da economia feminista (Editora Gota, 2022) e Economia Feminista: espaços transnacionais, alternativas globais e mudanças teóricas para pensar a reprodução social sob o neoliberalismo (Editora Dialética, 2023).

E-mail: fasgrecco@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7426900742504312>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2364-7478>

Pesquisadora do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS) desde 1972, Danièle Kergoat, diretora emérita de pesquisa, compõe a equipe *Genre, Travail, Mobilités* (GTM), do laboratório *Centre de Recherches Sociologiques et Politiques de Paris* (CRESPPA), vinculado ao CNRS). Essa equipe é um desdobramento de formações anteriores, como o *Groupe d'Étude sur la Division Sociale et Sexuelle du Travail* (GEDISST) e o grupo *Genre et Rapports Sociaux* (GERS), além da rede de pesquisadoras *Atelier Production-Reproduction* (APRE). Nessas formações, ao lado de Helena Hirata, Danielle Chabaud-Rychter, Dominique Fougeyrollas e Odile Chenal, discutiu e formulou conceitos importantes como a de divisão sexual do trabalho, consubstancialidade das relações sociais e movimentos sociais sexuados.

Alguns de seus principais artigos foram publicados em revistas científicas brasileiras, como *Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais*, publicado no periódico *Novos Estudos* (2010). Outros textos podem ser lidos no livro *Lutar, dizem elas...*, parcialmente traduzido para o português pela organização feminista SOS Corpo, em 2018.

Entre as décadas de 1970 e 1980, em torno de Kergoat reuniu-se uma equipe, voltada ao estudo da divisão social e sexual do trabalho (DSST), o que possibilitou a elaboração de noções como *divisão sexual do trabalho, consubstancialidade das relações sociais e movimento social sexuado*, sobre as quais a presente entrevista se dedicou. Dessa reunião de intelectuais feministas, resultou o estabelecimento de uma importante parceria entre Kergoat e a pesquisadora Helena Hirata, responsável por difundir esse trabalho coletivo no contexto brasileiro e latino-americano, através de uma perspectiva

metodológica que realiza comparações internacionais entre o Brasil, a França e o Japão.

Kergoat nos concedeu a presente entrevista em seu apartamento, em Paris, no dia 04 de julho de 2017. Embora decorridos seis anos de sua realização, seu conteúdo permanece importante e atual, pois abordou o conjunto de suas elaborações teóricas, tecendo explicações importantes sobre seus contextos e significados.²

1 - Para começarmos, gostaria de entender a ideia de relações sociais (*rappports sociaux*). Você poderia esclarecer isso?

Relação social (*relation sociale*), para mim, é por exemplo, entre nós duas. Não há relação de poder e é uma relação que é mantida um dia e depois não necessariamente. Por isso, é essencialmente uma relação – para mim, uma definição que eu dou – em que não há uma relação de poder. Enquanto a relação social (*rappport sociale*) está no centro de uma relação de poder. Pode ser entre indivíduos, mas para sociólogos, não é muito interessante. É, sobretudo, entre grupos, e a relação de poder está ligada a uma questão que será, entre outras coisas – pode ser em relação ao gênero ou muitas outras coisas – mas, entre outras coisas, a divisão sexual do trabalho. Sobre que tipo de divisão sexual do trabalho vai haver entre homens e mulheres e isso é um problema real entre o grupo dos homens e o grupo das mulheres.

² A entrevista foi realizada em francês, traduzida por Philippe Dietmann com revisão de Fabiana S. Grecco.

2 - Então, para a Sociologia, o conceito de relações sociais (*rappports sociaux*) é mais adequado do que o conceito de relação social (*relation sociale*)?

Não. É, para mim. Há muitos sociólogos para quem a relação de idade, por exemplo, não é uma relação social (*rappport sociale*) ou a religião é uma relação social. Mas, na minha maneira de raciocinar, existem três relações sociais (*rappports sociaux*).

É claro que podemos dizer que a relação entre gerações é uma relação social (*rappport sociale*), se trata de um problema de vocabulário, mas na minha opinião existem três relações sociais (*rappports sociaux*) fundamentais: a classe, a raça e o gênero. Por que elas são fundamentais? Porque estas são três relações sociais (*rappports sociaux*), que, na minha opinião, exploram. Nas relações (*rappports*) de gênero, os homens exploram as mulheres através do trabalho doméstico, através do trabalho a tempo parcial, através de salários baixos, através de toda uma série de coisas, do estupro, etc. Portanto, há exploração, há relações (*rappports*) de dominação e de opressão, sendo estas últimas referentes às coisas materiais, isto é, à violência. E as relações (*rappports*) de classe, embora não sejam as mesmas, também exploram, dominam e oprimem. E a relação (*rappports*) racial é obviamente a mesma coisa. Enquanto na relação (*rappport*) entre idade, não é nada de óbvio, na minha opinião, que haja exploração entre jovens e idosos.

3 - Portanto, é no sentido das relações sociais (*rappports sociaux*) – que exploram, oprimem e dominam – que as relações sociais de sexo, raça e classe são *consustanciais*?

Sim.

4 - Como a opressão, a exploração e a dominação se desenvolvem na *consustancialidade das relações sociais (rapports sociaux)*? Essa é uma diferença em relação ao conceito de *Interseccionalidade*?

Sim. Atualmente, a *interseccionalidade* diz tudo ou nada. É uma palavra na moda que todo mundo usa, especialmente na França, para designar o fato de que há múltiplas dominações que devemos levar em consideração – sendo impossível na sua totalidade – pelo menos um grande número de relações de dominação, caso contrário, perdemos uma parte, especialmente as relações de raça. Então, a *interseccionalidade*, na maior parte do tempo, designa uma série de dominações, uma adição de dominações.

Quanto à *consustancialidade*, ela surge bem antes da *interseccionalidade*, já que a primeira aparece em 1978 e a segunda em 1982. Portanto, eu não a copieei, já que ela aparece bem antes da *interseccionalidade* e porque estudei, não as relações de raça, mas as relações de classe e as relações de gênero. Eu mesma, origino-me na classe trabalhadora e não conseguiria pensar nelas separadamente. Por causa de minhas origens sociais, sentia-me desconfortável [com essa separação], mesmo sendo feminista e militante, sentia-me desconfortável com muitas feministas porque essas mulheres eram de origem burguesa. Eram pessoas muito boas, mas não conheciam a relação (*rapport*) de classe ou tinham uma visão estarrecedora. Por outro lado, o movimento trabalhista não levava em conta o movimento feminista e, portanto, eu estava no meio, então senti a necessidade de elaborar teoricamente o fato de que eram certamente duas relações sociais (*rapports sociaux*) diferentes, mas que funcionavam juntas o tempo todo, influenciando-se mutuamente e as duas deve-

riam ser pensadas em conjunto. Eu tentei demonstrar em termos de qualificação do trabalho, mostrando que quando olhamos – e ainda isso se mantém – os trabalhadores homens, que estão na parte mais baixa de qualificação, têm menos restrições, como sobre um determinado ritmo de trabalho, em relação à falar enquanto trabalha. Toda uma série de condições de trabalho, que são muito menos rígidas para eles que para as trabalhadoras profissionalizadas. O que significa dizer que eles estão no topo da hierarquia.

O que aparece quando você se depara com as estatísticas, percebe que as trabalhadoras profissionais são mais exploradas do que os homens não profissionais. Isso mostra que há uma relação de classe, é claro, o que é óbvio, através de qualificações, mas também há uma relação de gênero. Já que não há o mesmo tratamento para a mesma categoria, se você é um homem ou uma mulher. Isto é a *consustancialidade*.

A *consustancialidade* é um termo religioso. Infelizmente, não achei nada melhor que essa ideia de Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, que são entidades diferentes, separadas, e, ao mesmo tempo, uma unidade. As relações sociais (*rappports sociaux*) que estudo são diferentes entre si, as modalidades de aplicação dessas relações (*rappports*) são diferentes. Não se explora da mesma maneira uma pessoa negra ou uma mulher. Então, as modalidades são diferentes, mas em todas elas há exploração. Essas relações sociais (*rappports sociaux*) são uma mesma coisa, mas de uma certa maneira e ao mesmo tempo são diferentes. E o termo de *consustancialidade* é a única palavra que encontrei para explicar isto.

Depois de um tempo, chegou a *interseccionalidade* e as pessoas não sabiam o que eu tinha feito, especialmente os muito

jovens, que estão principalmente interessados na questão da raça e não conhecem o resto, como a história das relações de classe ou mesmo as relações (*rappports*) de gênero, nem conhecem bem o movimento feminista francês. Então, isto cria situações muito surpreendentes, como dizer que copieie a *interseccionalidade*, o que é simplesmente impossível.

5 - ...e são noções diferentes.

São diferentes, mas sobretudo eu elaborei isso no ano de 1978 e não em 82, num momento em que a *interseccionalidade* não existia, por isso eu não posso ter copiado.

Pois bem, podemos dizer que não são a mesma coisa, a *consustancialidade* e a *interseccionalidade*, porque na verdade a preocupação é pensar as relações sociais (*rappports sociaux*) em conjunto e ver como elas se criam. Ou seja, estou pensando em relações sociais (*rappports sociaux*), não em categorias. Enquanto no caso da *interseccionalidade* – mesmo que isso mude atualmente, pois as pessoas trabalham, falam, avançam, felizmente – mas é mais sobre categorias. Pelo menos inicialmente, eram realmente categorias: a categoria de mulheres negras, a categoria de mulheres trabalhadoras, a categoria de homens brancos. Eu tento raciocinar em outro nível.

6 - O conceito de *consustancialidade* tem relação com o marxismo? Lembro-me de que Karl Marx escreveu sobre a produção, circulação etc. serem processos diferentes, mas ao mesmo tempo são parte de um todo, que se cria mutuamente, acredito que de maneira dialética. Então, a *consustancialidade* é dialética?

Sim. Eu não uso o termo, mas podemos dizer isso. Só que a aproximação com o marxismo seria, na minha opinião, na noção de relação social (*rappor sociaux*), que obviamente existia em Marx mesmo que não fosse formulado da mesma maneira que eu faço. Mas a ideia da relação de força, a ideia dos grupos que se enfrentem existe, é claro, em Marx.

O que eu também queria dizer é que esses grupos conflitantes não existem antes do confronto. É confrontando em torno de uma questão que haverá grupos sociais que vão se constituir em relações sociais (*rappor sociaux*) e as relações sociais (*rappor sociaux*) vão constituir os grupos sociais. Essa é outra diferença, já que a *interseccionalidade* observa as relações de força entre grupos sociais previamente estabelecidos. Assim, há toda a ideia de processo e de historicidade que importa aqui.

7 - Você poderia falar um pouco sobre a conceituação da *divisão sexual do trabalho*. Além da separação e hierarquia entre trabalho masculino e feminino em empresas e fábricas, essas separações e hierarquias parecem ser estruturais nas sociedades capitalistas ocidentais. Esta afirmação está correta?

Sim, não é apenas no trabalho assalariado nas empresas, é também no trabalho doméstico, onde há obviamente uma divisão sexual do trabalho. Eu sempre insisto nisso porque é realmente importante: é para as mulheres que o trabalho doméstico é amplamente atribuído, não para os homens. Ainda estamos falando, e com razão, sobre o peso do trabalho doméstico para as mulheres, do fato de ser a terceira jornada de trabalho, e assim por diante. Mas, pouco se fala

sobre o fato de que os homens são dispensados do trabalho doméstico e, portanto, tem muito mais tempo que as mulheres para fazerem suas carreiras, fazerem outras coisas, como esporte, por exemplo, coisas como essas. E eu acho que é uma pena não levar isso em conta, porque a captação do tempo é realmente algo fundamental na sociedade capitalista. Quer seja o tempo de trabalho doméstico ou o tempo de trabalho assalariado, é uma questão, uma oposição entre grupos sociais. Então, eu acho que é importante sempre falar sobre o trabalho doméstico e do não-trabalho doméstico para pensar as relações dos grupos envolvidos.

Sobre o trabalho doméstico, conversamos muito sobre isso na França. De fato, quando o movimento feminista era considerado importante, havia grandes estudos feitos e atualmente isso não tem a mesma importância. Além disso, não lidamos mais com o trabalho assalariado. Isso é algo muito complicado, grande parte das mulheres que trabalham com o conceito de gênero na universidade não investigam o tema trabalho. Trabalham sobre a sexualidade, a raça, sobre muitas coisas, mas não sobre o trabalho. E isso é um problema real porque [o trabalho] constitui as condições concretas de vida. Uma mulher trabalhadora, se você não fala com ela sobre o trabalho, vai ser um pouco complicado falar com ela porque é algo que não apenas preenche sua vida, mas a estrutura. O modo de trabalho, a consideração para o meio operário, etc. A sexualidade, por que não? Mas, é uma pena deixar o trabalho, pois perdemos alguma coisa. Além disso, o trabalho, com a globalização, com o liberalismo – basta ver o que Macron faz –, o trabalho está no cerne da política e das políticas públicas. E não se fala mais sobre as mulheres que trabalham, o que me incomoda muito.

8 - Então, os conceitos de *consustancialidade*, de *relações sociais* (*rappports sociaux*) e de *divisão sexual do trabalho* parecem-me formar uma nova perspectiva de análise sociológica do trabalho. Como a sociologia francesa recebeu essa nova forma de análise?

Sobre o conjunto teórico, somos numerosas a trabalhar, a avançar nas ideias, a avançar coletivamente. Eu não estou sozinha, isso seria ridículo.

Sobre a questão da relação social (*rappports sociaux*), são poucas as sociólogas que se interessam, infelizmente. Ou então, menciona-se como se fosse uma palavra neutra, não como nós lhe demos uma definição importante, não como nós fazemos disso: um conceito que seria a pedra angular de um todo teórico. Essa perspectiva é muito pouco adotada pelos sociólogos e por muito poucos deles, talvez por alguns que ainda estão próximos do marxismo, mas, neste caso, não há consustancialidade, não há as outras relações sociais (*rappports sociaux*). E feministas reivindicando o gênero, primeiro não há as três relações sociais (*rappports sociaux*) e então o raciocínio é realmente em termos de categorias e não em termos de relação social (*rappport sociale*).

Para voltar à sua pergunta, coletivamente fomos reconhecidas. Eu criei o laboratório GEDISST (*Groupe d'Étude sur la Division Sociale et Sexuelle du Travail*), mas coletivamente fomos reconhecidas pelo CNRS (*Centre National de la Recherche Scientifique*), pois tínhamos o título de laboratório. Mas, nós permanecemos um pouco exterior ao *établissement*. Todos diziam que o que estávamos fazendo era muito interessante, que deveriam nos ajudar etc., mas eles não integravam o raciocínio que estávamos tentando avançar

e que naquela época era apenas sobre a divisão sexual do trabalho. Ele permaneceu exótico, externo a eles, e continua a funcionar da mesma maneira. Frequentemente sou convidada a apresentar meu trabalho, então há reconhecimento.

A *consubstancialidade* é considerada um pouco agora, mas eu acho que não é tanto pelo conteúdo do conceito, mas porque envolve a *Interseccionalidade*. Isso levanta questionamento, especialmente o problema das categorias e eu acho que é por isso que a *consubstancialidade* lhes interessa, mais que pelo fato de as relações sociais (*rappports sociaux*) estarem completamente entrelaçadas, unidas e, ao mesmo tempo, serem diferentes. Este aspecto não é levado em consideração, mesmo que dizem ser interessante.

A *divisão sexual do trabalho* também não é realmente levada em consideração e o trabalho doméstico nem sequer é mencionado, é como se não existisse mais atualmente. Além disso, as mulheres investiram maciçamente em empregos de classe média. Então – eu não diria a você quem disse isso, uma socióloga bem conceituada do trabalho e do gênero – que o trabalho doméstico não era interessante porque todas as mulheres tinham uma empregada doméstica em casa. Para dizer uma coisa dessas, deve-se realmente ser burguesa fora do mundo real. Eu tive uma assistente que, numa época, trabalhava sobre o [trabalho] em tempo parcial e tivemos entrevistas com mulheres operárias, funcionárias de serviços social e economicamente desvalorizados, agentes de serviço, empregadas domésticas, etc. E uma vez, ela perguntou a uma faxineira se ela tinha uma empregada doméstica. É uma coisa inimaginável. Essas são talvez coisas que poderiam existir no Brasil porque existem cadeias de serviços muito mais complicadas do que na França. Mas na França, asseguro-lhe que uma empregada

doméstica não tem uma faxineira. Então, é para dizer que o princípio da realidade, às vezes, parece-me escapar de muitas pessoas. Você vê os trabalhos domésticos, por exemplo, são bastante reconhecidos, mas não são retomados como raciocínio, são tomados como resultado.

9 - Em relação à teoria dos movimentos sociais, você poderia discorrer sobre sua ideia de *movimentos sociais sexuados*?

É exatamente como a *consustancialidade*. Eu reconheço que a palavra não é simples, mas a ideia por trás disso é muito simples. Eu já expliquei como cheguei a isso. Eu venho do universo operário, não conseguia separar os dois e cheguei a seguinte conclusão: claro que não posso separá-los, uma vez que estão completamente intrincados. O movimento social sexuado também é um pouco assim, uma coisa óbvia. Eu trabalhei no movimento das enfermeiras, que é um grande movimento social e percebi, olhando para a literatura, enquanto havia algumas coisas sobre o movimento feminista, não havia nada sobre as mulheres que afirmam, que se organizam com formas de militância diferentes das dos homens. Não havia nada sobre isso. Então, para tentar deixar claro que não era a mesma coisa, embora houvesse muitas coisas em comum.

As enfermeiras, por exemplo, lutavam de forma coordenada e muito pouco com os sindicatos, pois os sindicatos eram todos como isso: quando elas explicavam o porquê, diziam que seu movimento era tipicamente feminino. Elas diziam que estavam cansadas de serem apropriadas pelos sindicatos, de lhes impor as reivindicações e por isso queriam avançar elas mesmas em suas próprias reivindicações.

É verdade que havia algumas coisas que eram femininas, não no sentido da natureza feminina, obviamente, mas feminina, no sentido de que refletiam a relação social homem / mulher em que estavam envolvidas. Por exemplo, elas estavam lutando muito contra o fato de os hospitais enviarem os pacientes para casa muito rapidamente. E depois, virem-se! Quem está se virando? Mulheres, claro, que cuidam de doentes e idosos, etc. E foi como mulheres que elas foram sensíveis a isso porque perceberam que era revoltante fazer isso. Pois, os homens são dispensados de fazer este tipo de trabalho.

Além disso, as formas de intervenção no movimento social eram diferentes, as assembleias gerais eram diferentes, havia toda uma série de invenções que os homens não faziam.

O *movimento social sexuado*, no começo, não era um conceito. Era uma noção descritiva para marcar o fato de que era preciso parar de raciocinar como se os movimentos sociais entre homens e mulheres fossem a mesma coisa, o que obviamente equivalia a estudar apenas homens e não a se interessar pelas mulheres. Isso é muito interessante porque as formas de radicalismo são diferentes para homens e mulheres. Portanto, não foi um conceito como a *consustancialidade*, que é um conceito que faz parte de um todo teórico, o que é importante para mim. Mas é mais um desejo assinala que as diferenças de gênero também atravessam o movimento social. Então, o *movimento social sexuado* foi mais levado em consideração – eu tenho alunos que trabalharam nisso como você deve ter visto –, por exemplo, no nível metodológico.

Isso supõe coisas muito concretas, de dizer que homens e mulheres não são necessariamente os mesmos. Nas assembleias gerais, eu olhava quem intervinha, se era homem ou se era mulher,

eu olhava os momentos de intervenção, as diferenças entre homens e mulheres. Eu estava olhando para muitas coisas como essa, que nunca haviam sido feitas antes. As pessoas não percebiam que os homens falavam, falavam muito, muitas vezes para dizer a mesma coisa que a pessoa anterior, enquanto as mulheres falavam muito menos, para falar sobre coisas mais concretas, em regras gerais, sobre o movimento social. Elas falavam do movimento social, mas não da mesma maneira e não repetiam o que a mulher havia dito antes. Elas só falavam quando elas tinham algo novo para dizer. E isso foi muito forte nas reuniões. Estas são práticas sociais muito diferentes para homens e mulheres. Os homens não percebem. Quando você lhes diz isso e lhes mostra os números – porque é importante medir o tempo de fala de homens e mulheres – eles dizem: “Sim, é verdade, estamos falando mais”. Então, existem práticas sociais realmente completamente diferentes. E é importante levar isto em conta e ao mesmo tempo, isso também significa que complica o modelo de raciocínio, porque depende do movimento ser ou não misturado. Por exemplo, no movimento das enfermeiras havia homens, mas enfermeiras hospitalares são 90% mulheres na França. Portanto, é um movimento feminino, para não dizer feminista. Por outro lado, existem movimentos em que as mulheres são muito minoritárias. Esses movimentos são muito diferentes da Coordenação das enfermeiras. E depois, há um terceiro caso em que homens e mulheres estão praticamente empatados e haverá uma negociação.

A partir do momento em que você diz que os movimentos sociais são sexuados, como o resto do mundo, não é possível raciocinar de maneira monolítica. As análises têm que ser mais refinadas, você tem que fazer uma série de perguntas. E no nível da metodologia, a

prática do sociólogo, isso complica muito as coisas, na verdade. É muito mais cansativo olhar assim.

10 - Por fim, para você, quais seriam os desafios teóricos atuais, que as feministas deveriam enfrentar?

Eu não sei. Eu nunca me coloquei uma questão como essa. Eu estava falando sobre o trabalho agora. Por exemplo, a Marcha Mundial das Mulheres faz parte de um movimento feminista que leva em conta o trabalho. Por outro lado, as acadêmicas dificilmente levam em conta o trabalho. Não peço que todas façam a mesma coisa, que todas trabalhem sobre o trabalho ou que todas trabalhem sobre a sexualidade, ou todas trabalhem sobre a raça. A realidade não é essa, as pessoas não vivem assim. Como socióloga, essa maneira de ver as práticas sociais me incomoda muito. Mas, no nível do movimento feminista – na França, é completamente dividido, eles são pequenos grupos – cada grupo não pode levar em conta a totalidade das coisas. Simplesmente, eles poderiam perceber que isso existe, o que já seria bom. Que sejam grupos completamente focados na relação social (*rapport sociale*) de raça, eu entendo totalmente. O que me incomoda é que não podemos estar juntas. Como se, quando alguém pesquisa o trabalho, não tem interesse em trabalhar com a sexualidade e vice-versa. Eu não acho que isso seja verdade. Eu acho que entre o movimento feminista e a universidade deveríamos encontrar maneiras de conversar. É raro.

A prioridade para mim seria – algo que é muito antigo – o elo entre o movimento social e as universitárias feministas. Esse elo nunca foi realmente feito na França e é uma pena. Enquanto nos Estados Unidos, quando se olha para a *interseccionalidade*, por exem-

plo, podemos ver que há pesquisadoras que conversaram com ativistas e que trabalharam com elas. Na França, não há realmente esse tipo de coisa. Nós somos poucas a ter feito isso, mas não o suficiente, nem mesmo eu.

A segunda coisa, seria poder conversar uma com a outra. Eu não entendo por que não podemos conversar, dialogar. Não é que eu ache que todas estejam certas, mas acho que todas têm motivos para pensar o que pensam. Então, vale a pena ouvir suas razões, que concordamos ou não. Mas temos que começar ouvindo. Mas são invectivas. Eu acho extremamente desanimador.

Quando lemos Bell Hooks no livro “*Eu não sou uma mulher?*” (Edição brasileira: Rosa dos Tempos, 2019), ela explica por que as feministas negras e brancas não conseguiam se entender. Quando você lê, você entende perfeitamente o que isso significa. Enquanto na França, dizem que as feministas brancas estão do lado do império, do capitalismo. É estúpido. Isso não é verdade. Se essas mulheres buscassem informações, saberiam que desde o século XIX e até mesmo desde o século XVIII, o que elas dizem não é verdade, que as feministas brancas sempre estiveram do lado do poder, do governo, do capitalismo, da burguesia. Não é verdade. Havia mulheres que faziam campanha, textos que foram escritos. Elas colocaram uma barreira *a priori*, mas não uma barreira *a posteriori*. Isso pode acontecer quando Bell Hooks explica por que foi difícil fazer campanha juntas. Na França, não é nada disso. É só insultos e invectivas. Se isso pudesse mudar, como seria bom! Mas não sou eu quem vai mudar essas coisas. Eu realmente gosto de ouvir as outras pessoas. E eu não entendo que façamos uma barragem *a priori*. Não é minha maneira de trabalhar e não consigo entender isso.